

## O ENSINO DE LITERATURA SOB A MIRA DO MERCADO EDITORIAL

Armando Gens  
UERJ/UFRJ

Uma investigação do ensino de literatura no ensino médio não pode começar sem que se revejam dois estudos: “O Livro Didático — Primeiro Tempo: 1965”, que se encontra no livro de Osman Lins intitulado *Do Ideal e da Glória: problemas inculturais brasileiros*, publicado em 1977, e “Livro didático e educação, no contexto cultural brasileiro”, de Dino Pretti, que faz parte da importante publicação *Língua e Literatura: o professor pede a palavra*, organizada, nos anos 80, por Valéria De Marco, Lígia Chiappini M. Leite e Suzi Frankl Sperber.

A releitura dos estudos citados demonstra que os livros didáticos e a literatura brasileira neles servida perpetuam, ainda hoje, problemas e cacoetes apontados por seus autores. Osman Lins, em seu estudo sobre o livro didático, após examinar cerca de cinquenta manuais, fez inúmeras observações de pertinência prolongada. Deu destaque à falta de originalidade na confecção de manuais, uma vez que constatou a existência de molde comum a todos; sublinhou que a elaboração de livros didáticos garante “lucros permanentes e consideráveis”<sup>1</sup> a seus autores; denunciou a “poderosa e próspera indústria do livro didático”<sup>2</sup>; rebateu com veemência a imagem de escritor transmitida nos livros didáticos; censurou o critério de seleção de textos por privilegiar os autores já mortos e recusar os contemporâneos; e impetrou severa advertência à insistente presença de textos-clichê como “Canção do Exílio”, “Meus oito anos”, “Ouvir estrelas”, “Círculo Vicioso”, “Um Apólogo”, “As Pombas” na grande maioria dos manuais.

Contudo, o escritor, em meio a tamanha falta de qualidade, conseguiu encontrar livros didáticos que pudessem equilibrar um balanço tão assustador. Sem perder de vista o critério de seleção de textos, demonstrou olhar clínico ao reunir na lista das exceções obras que escapavam

---

<sup>1</sup> LINS, O. (1977) p.16

<sup>2</sup> Ibidem

do modelo-padrão e ofereciam aos alunos não apenas o museu literário brasileiro, mas também lhes serviam autores contemporâneos. Entraram, então, para a história do livro didático de qualidade as seguintes obras: *Iniciação á Análise Literária, Literatura Brasileira, Curso Colegial*, de Fábio Freixeiro, editado pela Editora Nacional; *Antologia Brasileira de Literatura*, de Afrânio Coutinho, pela Distribuidora de Livros Escolares e *Presença da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido e Aderaldo Castelo, editado pela Difusão Européia do Livro.

Se a análise de Osman Lins pôs em discussão a tendência dos autores de manuais transcreverem em suas obras apenas textos já consagrados pelo uso didático, e colocou sob suspeita a concepção de literatura brasileira neles veiculada; Dino Pretti, em “Livro Didático e Educação, no Contexto Cultural Brasileiro”, dedicou-se a conceder maior visibilidade às bases comunicativas existentes entre autor, editor, aluno e professor, do ponto de vista do mercado editorial.

Logo no início de seu trabalho, Dino Pretti levantou uma questão crucial em relação ao livro didático: a do valor venal. De um lado, o autor-professor que busca propagar sua concepção de ensino e por este trabalho ser recompensado financeiramente de modo digno; de outro, o editor, cuja preocupação cultural está subordinada a um empreendimento editorial não raro de grande vulto. Sem meias palavras e na qualidade de autor de livros didáticos, frisou que o editor e autor “comungam suas idéias num mesmo objetivo: entregar ao público um material didático que ofereça uma real contribuição para o ensino e que seja vendável”<sup>3</sup>. De acordo com as palavras do autor, tal comunhão reveste-se de importância, já que se mostra presente em todas as etapas do processo de edição, pois, sendo muito altas as tiragens de livros didáticos, nenhum editor investiria grande capital em uma obra fadada ao encalhe.

---

<sup>3</sup> PRETTI, D.(1980) p.54

Além da dinâmica entre interesses financeiros e culturais na relação autor e editor, Dino Pretti reclamou, ainda, da falta de ética profissional no mercado do livro didático. Segundo ele, o plágio insinua-se como prática entre certos autores que, com o aval de suas editoras, teriam à disposição um serviço de “copy-desk” para “recolher, selecionar e reescrever materiais diversos de livros já publicados, republicando-os sob a forma de livros novos, verdadeiras colchas de retalhos”<sup>4</sup>. Acrescentou, ainda, que esta prática é estimulada, em parte, pela dificuldade de se fazer executar uma legislação artilosa e de fácil ajuste aos interesses dos plagiadores.

Como se percebe, a produção do livro didático não se realiza de modo fácil como faz supor o produto que chega às mãos de alunos e professores. Dino Pretti, ao reconhecer o mercado editorial como “mundo cão”, deixou claro que as lutas não se restringem a enfrentar plagiadores, conseguir boa distribuição da obra produzida e garantir campanhas sedutoras com vistas ao consumo da mercadoria. Além de enunciar as lutas que os autores de livros didáticos enfrentam, Dino Pretti ressaltou que um outro desafio a ser suplantado pelos que escrevem manuais reside na exigência fundamental que se elabore uma obra que atenda, ao mesmo tempo, a alunos e professores. Este parece ser um ponto bastante problemático e faz com que o livro didático assuma uma feição bifronte. O autor deve, simultaneamente, produzir uma obra que sirva de instrumento de trabalho e compêndio de estudo, levando em consideração condições culturais, intelectuais, sociais e econômicas de seus consumidores. No caso brasileiro, a situação torna-se de extrema complexidade devido à diversidade e à desigualdade das condições já enunciadas.

Dino Pretti conclui, então, pela necessidade de redefinição das “posições dos quatro envolvidos: Autor, Editor, Professor, Leitor.”<sup>5</sup> Contudo, reconheceu que “a própria condição de empreendimento comercial, com todos os seus riscos, acaba por inibir iniciativas que possam

---

<sup>4</sup> Ibidem

<sup>5</sup> PRETTI, D.(1980) p.57

tornar-se economicamente problemáticas”<sup>6</sup>. E, antes de colocar um ponto final em seu estudo, não hesitou em imaginar um livro didático capaz de cumprir seus objetivos educacionais, apresentar-se como “um instrumento vivo de trabalho para o professor” e ser um “êxito editorial”<sup>7</sup>.

O encontro dos estudos realizados por Osman Lins e Dino Pretti aponta para duas direções que ilustram ópticas diferentes com nitidez radiográfica, mas que, reunidas, indicam um caminho de análise e avaliação do livro didático nacional. Embora distem do tempo e do contexto da cena contemporânea, as constatações realizadas pelos dois autores expressam uma preocupação atual que se assenta sobre as bases da literatura brasileira e da indústria do livro.

Após a breve revisão de dois estudos de relevância para a avaliação e análise de livros didáticos, surge a tendência natural de toda investigação: averiguar no âmbito da permanência e da mudança a situação da literatura brasileira nos livros didáticos, em circulação na cena educacional brasileira situada entre as últimas décadas do século XX e a primeira do século XXI.

Um passeio pelas livrarias cariocas com a intenção de comprar livros didáticos destinados ao Ensino Médio é suficiente para reafirmar que, como todo produto da indústria cultural, os manuais proliferam em grande escala, cada qual com um perfil diferenciado para atender às demandas do público consumidor em busca de novidades, eficácia e interesses imediatos. Os preços, por sua vez, variam de obra para obra. Através de um rápido levantamento, conclui-se que o consumidor, para adquirir um manual, deverá desembolsar de R\$ 23,50 a R\$ 49,00.

À guisa de exemplo, as seis obras selecionadas para compor o *corpus* deste trabalho custaram um total de R\$ 240,10 (duzentos e quarenta reais e dez centavos) e pesam juntas uns cinco quilos aproximadamente. Além do peso, a variação de preço causa inquietação, uma vez

---

<sup>6</sup> Ibidem

<sup>7</sup> Ibid.p.58

que não há diferenças tão essenciais entre os produtos que possam determinar tal procedimento.

Comprove-se, então, o perfil de cada exemplar através da seguinte listagem:

- 1- R\$ 23,50 – ABURRE, Maria Luiza; NOGUEIRA, Marcela; FADEL, Tatiana. *Português: Língua e literatura*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. 504 p. Dimensão aproximada: 27,5 cm x 20,5 cm.
- 2- R\$ 49,00 – CAMPADELLI, Samira Yousseff; SOUSA, Jésus Barbosa. *Literaturas brasileira e portuguesa: teoria e texto*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2000. 528 p. Dimensão aproximada: 24 cm x 17cm.
- 3- R\$ 23,90 – FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Português*. 1.ed. São Paulo: Ática, 2002. Série Novo Ensino Médio. 464 p. Dimensão aproximada: 26 cm x 19,5cm.
- 4- R\$ 39,90 – \_\_\_\_\_. *Língua e literatura*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.560 p. Dimensão aproximada: 24 cm x 17cm.
- 5- R\$ 23,90 – MAIA, João Domingues. *Português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002. Série Novo Ensino Médio. 456 p. Dimensão aproximada: 26 cm x 19,5 cm.
- 6- R\$ 41,90 – TERRA, Ernani; DE NICOLA, José; CAVALLETE, Floriania Toscano. *Português para o ensino médio: língua, literatura e produção de textos* 1. ed. São Paulo: Scipione,2002. Série Parâmetros. 608 p. Dimensão aproximada: 26 cm x 19,5cm.
- 7- R\$ 38,00 – PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1995. 407 p. Dimensão aproximada: 21,5 cm x 14,5cm.

Em uma primeira instância, percebe-se que a oscilação de preço está atrelada à concorrência, e submetida a um princípio regulador muito semelhante ao aplicado aos medicamentos, pois os livros de preços mais acessíveis funcionam como “livros genéricos” e, geralmente, são adotados

pelas escolas em que o alunado não possui um alto poder aquisitivo. O simples folhear demonstra que não existem grandes diferenças entre genéricos e não-genéricos, afinal, obedecem a um mesmo modelo de composição e estruturação de lições, como convém aos produtos destinados à comunicação de massa.

No que se refere à concepção do objeto-livro, não há grandes discrepâncias. O aspecto físico busca recuperar a imponentia dos livros grossos e do volume único – o livro dos livros. Assim, os manuais apresentam-se compactos, pesados e volumosos e evocam traços de um ideal enciclopédico, para fixar uma imagem de credibilidade, de onipotência e de fé cega no saber. Como não é suficiente fazer com que o consumidor sinta, apenas literalmente, o peso do saber, as editoras abusam do expediente da utilidade imediata através da criação de séries ou coleções específicas para atender às novas orientações governamentais — “Série Parâmetros”, “Série Novo Ensino Médio”, “Coleção Base” —, bem como do alarde de que as referidas obras contêm questões do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e dos exames de vestibular.

De acordo com as informações oferecidas pela dimensão física dos livros didáticos, fica patente que os interesses mercadológicos e editoriais têm um importante relevo na elaboração dos manuais. A disputa pelas faixas de mercado e a concorrência entre produtos geram uma padronização que só se atenua através dos projetos de capa. Neste caso, as embalagens, ainda que lançando mão de recursos idênticos, expressam o diferencial de cada livro didático.

Um dos recursos recorrentes no projeto de capa diz respeito à utilização de reprodução de imagens das artes plásticas. O livro de Domício Proença, por exemplo, apresenta um projeto gráfico que tira partido da estilização e da colagem. Com base em princípios da teoria gestáltica, interfere-se nos trabalhos de Salvador Dali, Pietro de Cosimo, Hans Holbein, Paul Klee, Fra Angélico, Giorgio de Chirico, Fernand Léger, com a intenção de fazê-los valer por letras. O consórcio entre literatura e artes plásticas comparece, também, no arranjo de capa do livro de

Maria Luíza Abaurre. No manual da editora Moderna, surge o célebre quadro de Almeida Júnior, intitulado “Saudade”, reconhecido por Monteiro Lobato como um “poema de mágoas”. A justaposição dos projetos citados aponta para duas direções bem definidas, em que o primeiro apresenta uma composição mais arrojada e em consonância com os padrões contemporâneos de criação e o segundo confere ao produto uma imagem saudosista que parece privilegiar o passado. O exame do etos das capas deixa bem claro que o livro da Moderna veicula uma imagem sem mobilidade, sisuda e escapista, mera ornamentação, que se contrapõe à imagem descontraída, jovial e lúdica apresentada pelo projeto de capa do livro Domício Proença.

Dentre os livros selecionados para estudo, dois outros projetos de capa destacam-se: o de Samira Yousseff Campedelli e Jésus Barbosa Souza e o de Ernani Terra, Floriana Toscano e José de Nicola. O primeiro rompe com o recurso recorrente de ilustrar as capas com reproduções de pinturas. Tirando partido de superposições, o projeto gráfico confere à capa dinamicidade suficiente ao superpor, sobre o texto escrito, imagens de caravela, de artesanato indígena e de ladrilhos portugueses. A intenção é plenamente alcançada, pois o texto endereçado ao aluno pontifica: “Debruçar-se sobre as raízes da nossa literatura, fincada nas origens lusitanas, é mais do que uma necessidade, é uma garantia de participa ativa na vida cultural e social do país — uma cidadania desejável”<sup>8</sup>.

Levando-se em consideração a capa da obra e as palavras da autora, percebe-se claramente que este manual apresenta-se como um território de resistência à forte campanha de excluir a literatura portuguesa dos currículos do Ensino Médio. O segundo projeto também recorre ao artifício das superposições, embora os fins sejam outros. A capa do livro de Nicola, Floriana e Ernani explora de forma mais variada a diferentes linguagens. Desenho, personagens da história em quadrinhos, caricatura, a famosa tela de Tarsila — “Abaporu” —, o ícone do *mouse*,

---

<sup>8</sup> CAMPADELLI, S.Y; SOUZA, J. B.(2000) p.3

uma pena de escrever, um anjo barroco e um poema concreto estão espargidos sobre um texto manuscrito que, por sua vez, serve como suporte. A capa cumpre, sim, o papel de anunciar que o livro opera com uma variada gama de textos e tem por objetivo promover o diálogo entre o verbal e não-verbal.

A incursão pelo plano físico do livro serve para demonstrar que o mercado editorial e os autores estão sempre em estado de alerta para as necessidades do público- consumidor. Conseqüentemente, a imagem do livro de literatura, veiculada nas embalagens, sempre oscila entre o pólo da tradição e o da renovação e, de modo paradoxal, confere-se mais ênfase às artes plásticas. O texto escrito, quando aparece, vem sob a forma de suporte e evoca traços gráficos de séculos bem anteriores ao nosso, com o intuito de conferir o requinte e o valor dos manuscritos, promovendo, desse modo, o retorno do recalcado – O incunábulo –, assim como a pena de escrever costuma ser evocada como vinheta.

Do ponto de vista gráfico, cabe, ainda, destacar que as editoras não se preocupam com os cuidados necessários para a garantia de uma leitura confortável, condição imperativa das boas edições. A economia de espaço resulta em margens nada arejadas, exceção aberta apenas aos livros *Português para o Ensino Médio: Língua, Literatura e Produção de Textos* da editora Scipione e *Português*, da editora Ática, e fere os princípios básicos da legibilidade ao apresentar uma diagramação quase sempre mal resolvida: o engarrafamento na página.

A economia de espaço compromete, também, os protocolos básicos de leitura. Os textos são, quando em prosa, fragmentados, e as questões de interpretação giram em torno de fatias de textos generosas ou exíguas colocadas diante do aluno. Sabendo-se da impossibilidade de transcrição integral de certos textos, o que mais causa perplexidade é que não se envia o aluno ao texto integral, como muito sabiamente o fazem Ruth Rocha e Anna Flora, em *Escrever e Criar... É Só Começar!*; obra editada pela FTD.



O maior paradoxo é que a noção de texto, concebido como tecido, desfia-se nas páginas dos livros didáticos. Os alunos são expostos a fiapos e retalhos que alguns autores insistem em denominar de texto, representados pelas unidades mínimas do poema, a estrofe, e da narrativa, o parágrafo. O descabimento atinge altas proporções, quando um exercício realiza-se sem a presença do texto literário, base do ensino de literatura. Um exemplo significativo encontra-se em *Língua e Literatura* da dupla Faraco & Moura, na última unidade, intitulada “Tendências da literatura brasileira contemporânea”, referente ao Pós-modernismo. Com muita brevidade, os autores discorrem sobre os diferentes gêneros e encerram a parte referente à literatura com um exercício em que se exige do aluno apenas a reprodução de informações registradas em páginas anteriores. O único texto oferecido pelos autores nesta unidade é um fragmento de “As Marias”, de Dalton Trevisan, que não dá conta que está sendo pedido no referido exercício. Ao aluno, cabe tão-somente acatar as palavras dos renomados autores.

Do modo pelo qual o ensino da literatura e da leitura vem realizando-se na escola, através de livros didáticos, é notório, a contar pelas questões elaboradas sobre fragmentos de textos, que os alunos não são expostos a comportamentos criativos. As perguntas exigem deles apenas a compreensão da superfície do material que se resume a uma leitura topográfica<sup>9</sup>. Grande parte das perguntas preocupa-se com o que está sendo dito e não com o “como”. Raras são as questões que dão importância à elaboração de um texto na dimensão da linguagem. Trata-se de um grande equívoco e os autores de livros didáticos bem poderiam sanar este problema, afinal estão dentro de um negócio muito lucrativo, que só aumenta a responsabilidade deles na formação leitores.

À guisa de exemplos concretos sobre o caráter amadorístico presente na elaboração de perguntas em exercícios de interpretação de textos literários evocam-se dois muito significativos:

---

<sup>9</sup> Termo criado pelo autor desta comunicação para designar um tipo de leitura que se realiza apenas pela mera localização das respostas no texto que serve de base ao exercício.

a) sobre o poema intitulado “Gota-a-gota”, de Ana Cristina César, é lamentável tropeçar em uma questão que pede ao aluno para dizer qual o formato do poema e justificar a resposta. Lamentável, ainda, é deparar-se com tal questão na obra de Samira Campedelli, pois, de modo geral, as perguntas de interpretação registradas seguem uma seqüência, através da qual o aluno-leitor vai conquistando o sentido do texto; b) com base em um soneto de Cláudio Manuel da Costa, que os autores Faraco & Moura designam por lira (o erro vem se perpetuando, numa clara mostra demonstração de que não existe revisão periódica do material), elabora-se um exercício e, sem que se apresentem razões convincentes, ordena-se ao aluno que coloque o texto na ordem direta, atividade que fere os princípios do estilo de Cláudio Manoel da Costa em ampla conexão com o Barroco. Em segundo lugar, neste exercício, a leitura realiza-se apenas em dimensão topográfica, uma vez que cabe ao aluno tão-somente localizar no texto o que se pede. Observa-se, no desenrolar do exercício com vista a promover a leitura do soneto do poeta árcade, que os autores, no afã de facilitar, oferecem o produto e não o processo. Assim, em vez de solicitar aos alunos que realizem um levantamento dos campos semânticos referentes ao campo e à cidade e relatem as conclusões a partir do contraste, oferecem já as palavras para que os alunos as agrupem em colunas.

Como se pôde observar, os livros didáticos são mais indesejáveis do que desejáveis, embora se constituam em um mal necessário para o contexto educacional brasileiro, repleto de precariedades. Neles, o ensino de literatura parece dispensar o texto literário em sua totalidade e a estruturação pelo modelo histórico só serve para formar uma falsa idéia de evolução que, na verdade, não existe no universo literário bem como reforçar a antiquada visão de uma literatura feita de e por grandes escritores. São poucos os autores contemporâneos que merecem uma página nos manuais, como Manoel de Barros, Adélia Prado e Ferreira Gullar. Outros autores, não necessariamente recusados, podem aparecer como indicações bibliográficas na lista dos mais

importantes, a saber: Osman Lins, Moacyr Scliar, Zulmira Ribeiro Tavares, Roberto Drummond, Raduan Nassar etc... Os textos, por sua vez, não rompem com o cânone fixado pela tradição dos livros didáticos. Se o “Apólogo” saiu de circulação (aposentadoria compulsória?!), “Canção do Exílio”, “Profissão de Fé”, “Meus Oito Anos”, entre tantos outros textos, continuam na ativa, com suas respectivas análises já sem horizontes críticos, fazendo da leitura uma atividade de pura repetição.

Para finalizar, os livros didáticos assumem uma atitude tutelar diante de alunos e professores, porque seus autores e o mercado editorial os concebem, equivocadamente, como emissores e receptores e, do mesmo modo, vêem a literatura como mais uma mensagem a ser transmitida. É importante frisar que tais relações não se realizam à feição de um mero processo de comunicação, trata-se neste caso de processos de aquisição e transmissão de saberes. Por isso, cabe o alerta de que os livros didáticos, com o aval do editor, lançam mão de facilidades e fazem circular um tipo de literatura e de ensino ditado pelo autor maior: o mercado editorial.

### **Bibliografia:**<sup>10</sup>

DEBRAY, Régis. *Midiologia geral*. Trad. de João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

**A FORMAÇÃO DO LEITOR:** pontos de vista/ Org. de Jason Prado e Paulo Condini. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

GÉRARD, François-Marie; ROEGIERS, Xavier. *Conceber e avaliar manuais escolares*. Trad. de Júlia Ferreira e Helena Peralta. Portugal: Porto, 1998.

---

<sup>10</sup> A indicação bibliográfica dos livros didáticos selecionados para este trabalho encontra-se no corpo da exposição, na página 4.

LEITE, Lígia Chiappini. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

**A LEITURA E OS LEITORES**/ Org. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1998.

**LÌNGUA E LITERATURA: o professor pede a palavra.**Org. de Valéria de Marco, Lígia Chiappini M. Leite, Suzi Frankl Sperber; Pref. de Alfredo Bosi. São Paulo: Cortez: APLL: SBPC, 1981. Trabalhos apresentados à XXXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1980.

LINS, Osman. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1977.